

THAMIRES BARBOSA DA SILVA

**Afrofuturismo e a moda: um aspecto
predominante positivo em uma sociedade
racista**

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
Escola de Comunicação e Artes
Departamento de Relações Públicas, Propaganda e Turismo
Curso de Especialização em Estética e Gestão de Moda
São Paulo
Dezembro de 2022

THAMIRES BARBOSA DA SILVA

**Afrofuturismo e a moda: um aspecto
predominante positivo em uma sociedade
racista**

Monografia apresentada ao Departamento de Relações Públicas,
Propaganda e Turismo da Escola de Comunicações e Artes da
Universidade de São Paulo, em cumprimento parcial às exigências do
Curso de Especialização, para obtenção do título de Especialista em
Estética e Gestão de Moda, sob a orientação do Prof. Dr. Sheyla
Ribeiro.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
Escola de Comunicações e Artes
São Paulo
Dezembro de 2022

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
Escola de Comunicações e Artes
São Paulo

THAMIRES BARBOSA DA SILVA

AFROFUTURISMO E A MODA

Um aspecto predominante positivo em uma sociedade racista

Esta monografia foi julgada, adequada e aprovada, em sua forma final pelo Departamento de Relações Públicas, Propaganda e Turismo da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo por meio do Curso de Especialização em Estética e Gestão de Moda, em dezembro de 2022.

Nome do(a) Professor(a) Orientador(a)

Apresentado à Banca Examinadora integrada pelos professores:

Nome do(a) Coordenador(a) do curso

Nome do(a) um(a) Professor(a)

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a minha mãe, meu maior exemplo de amor e dedicação em tudo que ela faz.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço a Deus pela oportunidade de poder fazer essa pós-graduação. Agradeço à minha mãe e minha irmã por toda paciência comigo e por me buscar tarde da noite, todas as terças e quintas. Agradeço ao meu noivo e futuro marido por todo cuidado e apoio na minha vida. Agradeço minhas amigas Larissa Bramer, Fernanda Basilio e Marina Taglia, por comemorar minhas conquistas como se fossem delas. Agradeço às minhas colegas de classe, Gabriela, Gabrielly Bruna e Victória por todos os trabalhos feitos e risadas altas durante os estudos, sem os comentários da Gabriela provavelmente não estaria aqui. Um agradecimento especial pelo colega e amigo Luan Bertoline por todo apoio em momentos que pensei que seriam difíceis demais na pós, a ligação e risadas que tivemos será para toda vida. Agradeço por fim, aos professores por todos os ensinamentos que nos foi passado, principalmente à Sheyla Ribeiro, minha orientadora.

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1 - Cena inicial do filme Pantera Negra	13
Imagem 2- Capa de CD Out Kast.....	15
Imagem 3 - Out Kast VMA Red Carpet 2001	15
Imagem 4 - Cenas do clipe Janet Jacson	16
Imagem 5 - Williams' Blood Grace Jones. Night of the Proms 2010.....	16
Imagem 6 - Missy Elliott & Da Brat - Sock It 2 Me [Official Music Video]	17
Imagem 7 - Missy Elliott video clipe The Rain Album Supa Dupa Fly	17
Imagem 8 - Bastidores do filme Pantera Negra.....	18
Imagem 9 - Cena do filme Pantera Negra	19
Imagem 10 - Capa do site da revista online Nataal	19
Imagem 11 - Capa da edição de 2018 da revista Nataal Magazine	20
Imagem 12 - Fotografias da edição de 2018 da revista Nataal Magazine.....	20
Imagem 13 - Capa do album The Archandroid 2010	21
Imagem 14 - Go Back SPFW N52 Meninos Rei.....	24
Imagem 15 - Go Back SPFW N52 Meninos Rei.....	24
Imagem 16 - Go Back SPFW N52 Meninos Rei.....	25
Imagem 17 - Bastidores da marca Mile Lab no SPFW	27
Imagem 19 - Modelo vestido com referência de pipa	28
Imagem 20 – Foto do desfile, pipa como cartaz.....	29
Imagem 21 – Foto de momentos do desfile.....	29
Imagem 22 – Backstage do desfile Mile Labs.....	30
Imagem 23 – Foco na foto Go Back SPFW N52 Meninos Rei.....	31
Imagem 24 – Foco na foto Go Back SPFW N52 Meninos Rei.....	32
Imagem 25 – Foco na foto Go Back SPFW N52 Meninos Rei.....	33
Imagem 26 – Foco na foto Go Back SPFW N52 Meninos Rei.....	33
Imagem 27 - Foco da Foto do desfile, pipa como cartaz.....	34
Imagem 28 – Foco da foto Backstage do desfile Mile Labs	35

O Afrofuturismo é a ideia radical de que pessoas negras existem no futuro. (NERI, 2021, TEDX Petrópolis).

RESUMO

O objetivo desta monografia é determinar como a linguagem Afrofuturista se apropriou do movimento negro em sua luta para gerar discussões e mobilizações na moda como uma estratégia de resistência em relação ao racismo, trazendo a moda como instrumento de expressão e reflexo social, diferenciação e pertencimento.

Palavras- Chaves: Afrofuturismo; Moda; Movimento Negro; Resistência; Racismo.

ABSTRACT

The objective of this monograph is to determine how the Afrofuturist language appropriated the black movement in its struggle for a strategy of resistance in relation to racism, seeking a fashion as an instrument of expression and social reflection.

Key words: Afrofuturism; Fashion; Black Movement; resistance; Racism.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	10
2	AFROFUTURISMO	12
2.1	Afrofuturismo na moda.....	14
3	PROJETO SANKOFA E A INFLUÊNCIA DO AFROFUTURISMO NO SÃO PAULO FASHION WEEK (SPFW).....	22
3.1	Análise de 2 marcas escolhidas para o projeto Sankofa	23
3.1.1	Meninos Rei.....	23
3.1.2	Mile Lab	26
4	ENTRANDO NOS CÓDIGOS DO AFROFUTURISMO	31
	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	36
	BIBLIOGRAFIA	37

1 INTRODUÇÃO

A luta pelos direitos civis de ressocialização e emancipação dos corpos e do pensamento, faz com que se mobilize e criem articulações do movimento negro em um mundo que pautas antirracistas se faz necessário seguindo contra toda política e sobreposição segregadoras e racistas. O movimento negro se permeia em produtor de conhecimento que usa de expressões tecnológicas e socioculturais para desenvolver um forte coletivo e práticas significativas e ressignificando o indivíduo negro para uma sociedade racializada.

Nas décadas de 1960 e 1970 com a efervescência dos direitos civis dos negros no Estados Unidos, o movimento ‘Black Power’ teve grande influência na cultura negra, nas questões sociais e produções artísticas e nesta época dão ênfase maior ao corpo e cultura negra a partir da década de 1970. Até este momento, a identidade negra, em território nacional, enfrentava os processos de construção de uma identidade brasileira, marcada por uma perspectiva racialista. (MUNANGA, 1999).

No Brasil, com toda essa influência, muitos grupos na época da ditadura militar entre 1964 e 1985 se fizeram presentes em festivais de música, na rua com manifestações em suas vestimentas e cabelos armados, fazendo com que seus corpos fossem manifestação artística e de empoderamento, um país com um povo miscigenado e uma construção de socio imaginário e intelectual branco, dificultando a consciência racial e a falta de noção e pertencimento de sua negritude e o orgulho de ser negro.

O Movimento Negro reivindica a necessidade de representatividade identitária nesses espaços, por meio de uma estética-expressiva por meio do corpo, da imagem, das tecnologias, ancestralidade, da informação, do comportamento e da produção autônoma do movimento, sendo isso um ato político (GOMES, 2018). Essas manifestações são questionadas sobre a qualidade das representações de como essas produções estéticas são introduzidas nas diversas mídias. A estética para a resistência negra é um grande e importante passo para reconstruir a imagem do corpo negro. Para Berth:

Estética, uma palavra originária do grego *aisthesis*, significa, genericamente, percepção ou sensação. É a parte da Filosofia que estuda o que julgamos e percebemos daquilo que é considerado belo, as emoções que essa percepção produz e a definição que se pode fazer entre o que é de fato belo ou não. Portanto, o belo é uma percepção e como percepção pode ser alterada, manipulada ou influenciada. E isso tem acontecido ao longo da história. Os conceitos estéticos acerca do belo têm mudado de acordo com os valores e intenções da época. (BERTH, Joice, 2019, p.70).

Através da percepção do belo e a manipulação, é importante colocar como o movimento negro se faz importante nas políticas diásporas, na identidade pautada na negritude, na representatividade e na construção da ancestralidade e na resistência.

2 AFROFUTURISMO

O afrofuturismo é um movimento artístico, cultural e filosófico. A nomenclatura é um termo posterior à movimentação, mas quem traz a prática e entende isso é Sun Ra, que se inspirou nos antigos egípcios. É um movimento definido pelo continente e pelas diásporas. Essa busca pela experiência do passado, para trazer o presente e encontrar um caminho para o futuro”. (NJERI, 2021, não paginado)

Antes de falar em um conceito de um novo futuro, é importante entender como o racismo e a impossibilidade de afirmações intelectuais fizeram com que grupos se movimentassem para uma revolução afrocentrada e possíveis afirmações fossem desenvolvidas por intelectuais negros na modernidade.

Paul Giroy em seu livro *Atlântico Negro* relaciona essas questões, e nos traz a luz porque podemos dizer que o afrofuturismo, trouxe possibilidades de estudos e novas visões, fazendo com que a discussão não seja somente trazer o futuro para a atualidade é necessário trazer e fazer serem agentes de mudança no agora.

Em seu livro, Paul Giroy relaciona essas questões e nos traz a luz do porquê é possível dizer que o afrofuturismo trouxe possibilidades de estudos e novas visões, fazendo com que a discussão não seja somente trazer o futuro para a atualidade: é necessário trazer e fazer serem agentes de mudança no agora:

Os negros percebidos como agentes, como pessoas com capacidades cognitivas e mesmo com uma história intelectual – atributos negados pelo racismo moderno.” (GILROY, 2001, p.40).

O Afrofuturismo é um conceito de estética cultural, que junta elementos da ficção científica com pensamentos e filosofia africanas e afrocentradas, discutindo assim, a ancestralidade e disparas e, em decorrência do apagamento e a falta de personagens negros em todas as obras, houve uma reconstrução da cultura africana. Em 1960 alguns artistas nos Estados Unidos começaram a manifestar em suas obras alguns desses elementos visuais, sonoros e estéticos. Octavia Butler, Ytasha Womack, Basquiat e Spike Lee, por exemplo, foram precursores desse novo olhar. Porém, o termo “Afrofuturismo” só foi realmente cunhado com o crítico Mark Dery em *Back to the future* em 1994.

Na década de 1980, o afrocentrado surgiu com a ideia de trazer autodefinição ao povo preto, baseado em suas culturas africanas e em resposta a um mundo completamente guiado pela supremacia branca. Essa supremacia traz uma lista de impacto muito além de cultural, uma lista de extermínio e apagamento destes povos. Segundo a Autora Ama Mazama:

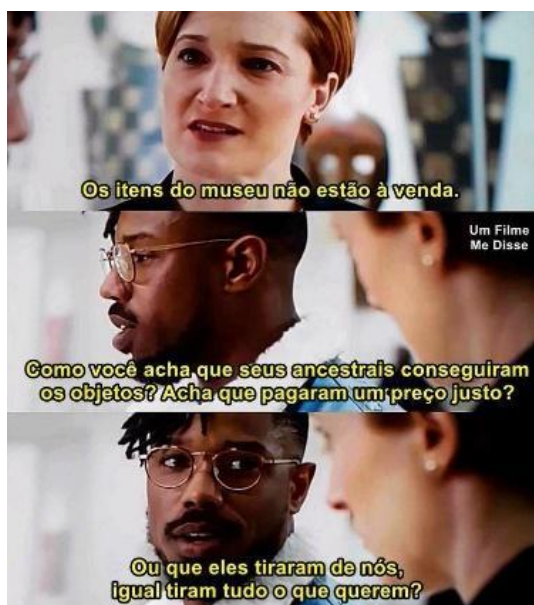
A Europa forjou grande parte de sua identidade moderna à custa dos africanos, particularmente por meio da construção da imagem do europeu como mais civilizado e do africano como seu espelho negativo, isto é, como primitivo, supersticioso, incivilizado, aistórico e assim por diante. (MAZAMA, 2009, p.112).

Há referências históricas de ancestralidade egípcia, por exemplo, pois as referências do afrofuturismo vem da diáspora africana, que em muitos momentos, é colocado como um país e não um continente, onde, internamente, se traz diversos países, tribos e etnias, fazendo com que essas criações de novos mundos e novos lugares sejam de fato uma grande revolução nas artes, moda e iniciações científicas.

Segundo Womack (2013) “a afirmação afrofuturista da cultura coloca a nação no coração da história da diáspora africana, uma afirmação contrária a tendência da cultura popular de divorciar o Egito do seu local e povo africano”. Esse divórcio, se traz, principalmente, por todo apagamento em filmes ‘históricos’ com somente atores brancos, e tudo que é relacionado ao Egito estar distribuído por toda a Europa, deixando apenas as pirâmides, pois não podem ser levadas a outro local.

Essa questão mostra como o afrofuturismo está muito além de estética e representatividade nos produtos culturais: o movimento faz com que as pessoas repensem o sistema racista em que se encontram, ou seja, ao entrar em contato com esse tipo de protagonismo negro, o indivíduo consegue questionar o mundo em que vive e imaginar uma sociedade onde as pessoas não sofrem discriminação e não são divididas de acordo com sua raça, origem ou etnia.

Imagem 1 - Cena inicial do filme Pantera Negra



Fonte: Um Filme Me Disse (2018)

Otun Elebogi explica que:

A África para um afrodiaspórico é, na maior parte das vezes, uma referência distante, uma “terra do nunca”. Sabe-se que *de lá* se veio, mas *de lá* nada se sabe. A linhagem da família, a língua, a região específica, quem eram os seus ancestrais, o que faziam – tudo é um grande vazio que foi sendo preenchido e se expandindo paulatinamente pela imaginação branca. (Elebogi, 2020, p 10).

Em toda pesquisa feita sobre afrofuturismo, a criação do protagonismo negro é um dos pilares do movimento, é importantíssimo ser destacado que não é somente dar voz a esses criadores artísticos, mas fazer com que todas as expressões em volta sejam alteradas. Para Ytasha Womack:

É importante divulgar e propagar as criações e inovações intelectuais feitas por grupo e indivíduos negros, e buscar as diversas representações de ancestralidade africana, denunciar as estruturas de poder, inventar possibilidades visando ‘a imaginação é uma ferramenta de resistência’’. (WOMACK, 2013. não paginado).

E essa resistência é necessária em todos os âmbitos quando se faz constatar os históricos de racismo na história de países e mídias atuais.

Em todos os parâmetros artísticos revolucionários na história, a branquitude sempre está como um parâmetro de perfeito e ideal, por isso, é necessário a criação e a manutenção desses artistas e desse movimento que hoje muito tem se falado e pregado. Um dos maiores escritores negros de Iniciação Científica Afrofuturista, Samuel Delany, diz que:

‘Precisamos de imagens do amanhã; e nosso povo necessita delas mais do que tudo. Sem uma imagem do amanhã, somos encurralados por uma história, economia e política cegas, para além do nosso controle. Somos amarrados em uma teia, em uma rede, sem chance de lutar pela liberdade. Somente tendo imagens claras e vitais de muitas alternativas, boas e más, de onde se pode ir, é que nós teremos algum controle sobre o modo com que devemos, na verdade, entrar em uma realidade na qual o amanhã trará tudo muito rápido.’ (DELANY, 2020 p.184).

2.1 Afrofuturismo na moda

Priscila Frank tem como definição o afrofuturismo:

Por ser um movimento artístico que perpassa diferentes meios, utilizando a música, política, moda, entre outras disciplinas, é utilizado o resgate à mitologia e as histórias africanas e se une com elementos da ciência, tendo como objetivo a liberdade de expressão, autoconfiança e empoderamento negro. Tal conceito foi concebido ao *mainstream*¹ com personalidades como Outkast e Janelle Monae. (FRANK, 2016, não paginado).

¹ *mainstream* designa um grupo, estilo ou movimento com características dominantes. Este conceito está relacionado com o mundo das artes, principalmente com a música e literatura. Um grupo musical *mainstream* agrada a maioria da população e apresenta um conteúdo que é usual, familiar e disponível à maioria e que é comercializado com algum ou muito sucesso.

Imagem 2- Capa de CD Out Kast



Fonte: Atlanta (2000)

Imagem 3 - Out Kast VMA Red Carpet 2001



Fonte: VMA Red Carpet (2001)

No conceito de resgate de elementos na história da música e no estilo, artistas como Janet Jackson, Missy Elliott e Grace Jones abriram as portas e as possibilidades para que hoje outros tenham a chance de expressar sua beleza das mais diversas formas.

Imagem 4 - Cenas do clipe Janet Jacson



Fonte: Europa (1998)

Imagem 5 - Williams' Blood Grace Jones. Night of the Proms 2010



Fonte: Belgium/Netherlands (2010)

Nadirah Simmons, no artigo “*Sobre Missy Elliot e o futuro: Por que as garotas negras precisam do afrofuturismo*” diz: “é impossível falar de Afrofuturismo sem falar de Missy Elliott. Seu álbum de estreia 'Supa Dupa Fly' lançado em 1997 e foi gravado e produzido exclusivamente por Timbaland, cujas batidas futuristas, *muffle ad-libs* e efeitos distorcidos criaram um som que estava literalmente fora deste mundo. O vídeo do primeiro single do álbum

"The Rain (Supa Dupa Fly)" mostrou Missy ostentando um saco de lixo inflado durante uma lente olho de peixe filmada em uma sala prateada. “A música que fazemos é futurista”, disse Missy em uma entrevista nos bastidores do vídeo.

Imagem 6 - Missy Elliott & Da Brat - Sock It 2 Me [Official Music Video]



Fonte: Virginia (1997)

Em todos os clipes da cantora Missy, é perceptível uma diferenciação entre o real e o imaginário, criando possibilidades que, diferentemente dos clipes de música do nicho musical R&B, já estavam a frente do seu tempo, abrindo portas para outras artistas consagradas usarem como referência. “Elliott usou seu corpo, figurino, genialidade lírica e senso de humor para criar um nicho que permanece seu até hoje. Em vez de usar sua sexualidade para criar uma fantasia, ela a usou para criar um mistério.” (COOK, 2017, não paginado).

Imagem 7 - Missy Elliott video clipe The Rain Album Supa Dupa Fly



Fonte: Nova York (1997)

Um dos marcos culturais na história do Afrofuturismo audiovisual, foi o filme Pantera Negra. Nele toda segregação e transformação do continente africano foi mostrada de forma impecável. A figurinista negra, Ruth E. Carter, pesquisou a fundo, com visita ao país africano Gana e contratação de uma grande equipe para fazer moldes, peças tingidas manualmente e acessórios. Na viagem, Carter criou peças a partir das inspirações do lugar e com referências afrofuturista.

Imagem 8 - Bastidores do filme Pantera Negra



Fonte: EUE/Screen Gems e Pinewood Studios (2021)

Com cuidado quando se trata sobre um continente, Ruth foi consagrada ainda mais com todo figurino do filme, e, em entrevista para o site Black Girls Nerds, disse:

O afrofuturismo agora é futurismo cultural, o que significa que não importa de que cor, que cultura você tem, você pode trazê-lo para o futuro. Você pode pegar sua cultura e pode realmente tornar isso legal, você pode realmente honrá-la e torná-la real e até usá-la como ela é. Acho que reintroduzimos o mundo para abraçar a cultura. E é isso que o afrofuturismo é para mim, é futurismo cultural.” (BLACK GIRLS NERDS, 2018, não paginado).

Imagem 9 - Cena do filme Pantera Negra



Fonte: EUE/Screen Gems e Pinewood Studios (2018)

Não tão conhecida como as revistas de moda globais, a revista NAATAL MAGAZINE é uma forte fonte de informação e difusão do afrofuturismo atualmente no mundo, trazendo frequentemente capas, editoriais de moda e, desenvolvimento de pautas sempre com artistas negros, por exemplo, além de todas as novidades nos desfiles, com novos estilistas, novos olhares e modelos que estão fazendo sucesso nas semanas de moda. De uma forma arrebatadora, toda a estética africana usada em que é usada em cada revista, é uma linguagem estética e escrita que comunicam uma perspectiva de visão alternativa da estrutura social africana, propondo uma narrativa positiva onde o estereótipo africano é dissolvido.

Imagem 10 - Capa do site da revista online Nataal



Fonte: nataal.com (2022)

Imagem 11 - Capa da edição de 2018 da revista Nataal Magazine



Fonte: NATAAL MAGAZINE (2018)

Imagem 12 - Fotografias da edição de 2018 da revista Nataal Magazine



Fonte: NATAAL MAGAZINE (2018)

Pensando em moda afrofuturista, é imprescindível não se falar de Janelle Monáe, cantora, poetisa, sonhadora, profetisa e feminista afrofuturista, traz em seus álbuns e audiovisuais muitas questões sobre a experiência de um futuro muito além de africanidade da afrocidade: um futuro reescrito por uma mulher negra queer. “achei que a ficção científica era uma ótima maneira de falar sobre o futuro”, disse Janelle Monáe em uma entrevista à Bust Magazine (2013), “isso não faz as pessoas sentirem que você está falando sobre coisas que estão acontecendo agora, então elas não sentem que você está falando com elas. Isso dá ao ouvinte uma perspectiva diferente.”

Em suas músicas, clipes, roupas e composições, a tecnologia, aliens e drones, por exemplo, são usados para transformar a realidade e contam novas histórias.

Imagem 13 - Capa do album The Archandroid 2010



Fonte: Georgia (2010)

3 PROJETO SANKOFA E A INFLUÊNCIA DO AFROFUTURISMO NO SÃO PAULO FASHION WEEK (SPFW)

O evento São Paulo Fashion Week é um dos maiores eventos de moda do Brasil e do mundo, com marcas requisitadas e inspiração para muitas pessoas, transformado e recriado conforme o tempo várias vezes, até chegar no formato atual e se consolidar no calendário da moda brasileira. O fundador e hoje diretor do evento, Paulo Borges, diz que:

Pensar uma semana de moda no Brasil era considerado um devaneio, uma frivolidade para um país com tanta carência e, entretanto, após a sua consolidação a moda nacional profissionalizou-se de tal maneira que passou de três cursos superiores no segmento, a 30 cursos em todo o País. (ÉPOCA, 2008, não paginado).

O SPFW, colabora com inovações em vários setores e não somente na cadeia têxtil, e, como tudo em todo mundo, não seria diferente a procura de mudanças significativas após dois anos de pandemia, onde a mentalidade e a necessidade de repensar o todo foi muito discutido e difundido, e o SPFW provou que uma mudança significativa pode ser feita, que pode mudar todo futuro de um evento tão importante.

No Lineup² dos desfiles durante a semana de moda, há uma grande discussão, sobre a falta de representação negra em diretores criativos de marcas que desfilam e de modelos negros nas passarelas, fazendo com que essa falta refletisse na falta de pessoas de cor na plateia. Na edição pré-pandemia, (COVID 19) somente três marcas tinham diretores negros em sua marca: Apartamento 03, Isaac Silva e Angela Brito, de um total de 25 marcas, fazendo com que a falta se fizesse presente um olhar questionador, pois, no censo de 2018 feito pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) 56% de população brasileira é negra, sendo assim a maioria, e se há maioria, porque tão pouco em um evento de criatividade, arte e moda?

A inspiração para uma moda mais inclusiva no SPFW, foi da dupla Rafael Silvério e Natasha Soares. Com o projeto Sankofa, eles puderam levar sete marcas com empreendedores racializados, grifes comandadas por estilistas negros, fazendo com que o evento aumentasse para 25% de participação dessas marcas.

Em entrevistas e conversas sobre o projeto, Natasha e Silvério, colocam-se como pessoas que em todos os momentos de suas vidas sofreram racismos e apagamentos. Silvério, como estilista de uma marca brasileira que busca falar sobre brasilidade com afeto e cuidado,

² Onde seu sentido literal é enfileirar, ou melhor, formar uma fila, por exemplo, para comprar os ingressos para o show.

estava passando por um processo de reencontro consigo mesmo, e Natasha, modelo internacional, abandonou a carreira por um processo doloroso de depressão.

Ao mesmo tempo que o estilista Silvério criava a startup³ chamada VAMO (Vetor Afro-Indígena na Moda), como uma maneira de criar oportunidades e ferramentas para profissionais afrodescendentes e indígenas por meio de ações afirmativas, Natasha criava nas redes sociais o projeto Pretos na Moda, unificando modelos e estilistas da indústria, fazendo com que o casting⁴ do SPFW que, desde 2009 tinha uma porcentagem de 10% para pessoas racializadas, tornasse de 50% do casting de cada desfile, seja com pessoas negras, indígenas e asiáticas. Em 2021, os dois juntaram forças e, em parceria com Paulo Borges, criaram o projeto Sankofa, que deu a possibilidade das marcas escolhidas desfilassem em 3 edições do SPFW e em algumas monitorias com estilistas já antigos e renomados do evento “Retornar ao passado para ressignificar o presente e construir o futuro” (NASCIMENTO, 2020, não paginado).

3.1 Análise de 2 marcas escolhidas para o projeto Sankofa

3.1.1 Meninos Rei

Marca de dois estilistas, Céu e Junior Rocha, irmãos Baianos que trazem em seus desfiles, a brasilidade em peças de estampas africanas vivas e com casting de modelos que chamam a atenção de todos, e com pessoas importantes do ramo da moda e artístico. Marca de streetwear⁵ e patchwork⁶ de tecidos coloridos geométricos e com uma grande curadoria que vem sendo usado por famosos.

Nas duas edições da passarela da SPFW, Meninos Rei convoca uma linda festa de estampas e silhuetas, fazendo com que o espetáculo seja completo e inclusivo. Acessórios de cabeça e geral, fazem com que o complemento do look seja impecável.

³Uma empresa que nasce em torno de uma ideia diferente, escalável e em condições de extrema incerteza.

⁴No mundo da moda, Casting é o processo para a escolha de modelos para certo trabalho, que costuma funcionar da seguinte maneira: a empresa ou cliente entra em contato com a agência e passa as informações da campanha ou desfile que deseja realizar e os tipos de modelos que deseja selecionar.

⁵O Streetwear é um estilo que representa a essência urbana e cultural de cada comunidade ou tribo ao redor do mundo, através de roupas e acessórios.

⁶Patchwork é uma técnica de artesanato com retalhos. Ou seja, se usa tecidos de retalhos para criar uma peça exclusiva, personalizada e elegante.

Imagem 14 - Go Back SPFW N52 Meninos Rei



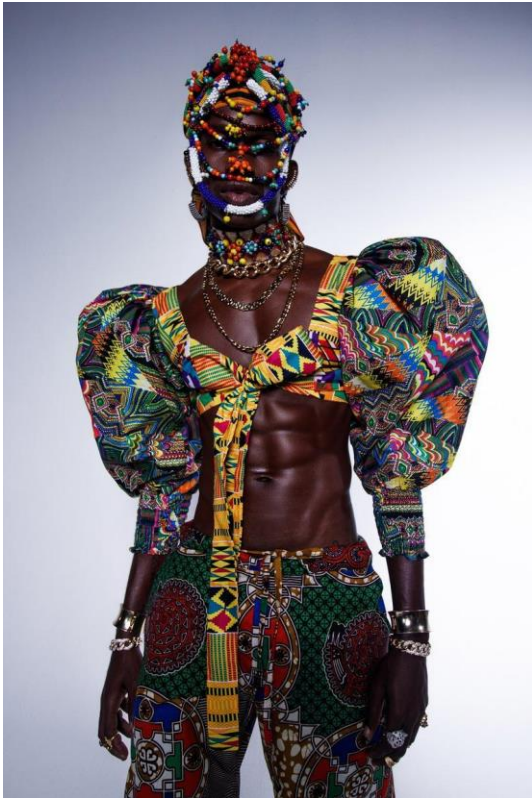
Fonte: Franklin de Almeida (2021)

Imagem 15 - Go Back SPFW N52 Meninos Rei



Fonte: Franklin de Almeida (2021)

Imagem 16 - Go Back SPFW N52 Meninos Rei



Fonte: Franklin de Almeida (2021)

Para alguns críticos, a preocupação da beleza e de desfiles representativos, se traz carregado com dúvidas sobre segregação e estereótipo, pois onde é essa diáspora e onde é essa África que só usa essas estampas? É uma boa representação do estado real do país onde se faz a representação em cada desfile?

A escritora Chimamanda Ngozi Adichie traz o conceito do “*O perigo da história única*”, onde se cria uma única história e mostra como um povo fosse somente uma coisa e um objeto de discurso dos outros:

Minha colega de quarto americana ficou chocada comigo. Ela perguntou onde eu tinha aprendido a falar inglês tão bem e ficou confusa quando eu disse que, por acaso, a Nigéria tinha o inglês como sua língua oficial. Ela perguntou se podia ouvir a minha “música tribal” e, conseqüentemente, ficou muito desapontada quando eu toquei a minha fita da Mariah Carey. O que me impressionou foi que ela sentiu pena de mim antes mesmo de ter me visto. A minha colega de quarto tinha uma única história sobre a África. Uma única história de catástrofe. Nessa única história não havia possibilidade de os africanos serem iguais a ela”, recorda, mencionando a “história única” como um estimulador dos estereótipos, principalmente em relação ao continente africano. (TED, 2009, não paginado).

No imaginário das pessoas, quando se fala em país africano, colocam o continente em um contexto e uma só estampa, uma única história, e isso faz com que sejam desfiles incríveis, mas com falta de vendas significativas para a marca.

No site da marca Meninos Rei, é colocado como uma marca que traz ancestralidade e contemporânea fogem do óbvio.

O trabalho reverência à ancestralidade, tendo como base os tecidos africanos, ao mesmo tempo em que se conecta com o contemporâneo em criações modernas afro-urbanas, que se utilizam de técnicas como o patchwork, e abusam de modelagens ousadas, que fogem do óbvio. A proposta da marca é enaltecer nossa cultura ancestral e celebrar a valorização da nossa raça. (QUEM SOMOS, 2022, não paginado).

Mesmo que não seja óbvio as silhuetas e modelos das peças, a estampa faz com que o subconsciente e memória das pessoas sobre uma africanidade “batida” e sem grandes novidades para o público final.

Meninos Rei, em seu fashion film⁷ na 52 edição do SPFW, precisaram fazer um vídeo de moda que representasse sua marca. A marca dá uma possibilidade de narrativa de afrofuturismo, quando coloca a ancestralidade e exalta com uma coleção falando sobre Exú⁸, com peças marcadas pelo exagero e intensidade e sexualidade. É conhecer o passado para fazer o presente.

Em entrevista, Céu, um dos estilistas, coloca a coleção como uma difusão do Orixá⁹ com a moda, transitando entre a religião, o belo e referências:

Tudo transita pelo viés das possibilidades, da ousadia, da liberdade, assim como é Exu. A essência da produção, desenvolvida por nós, pelo stylist Thiago Ferraz e seu assistente Gabriel Fabosa, aponta para a uma estética afrofuturista, em que a profusão de informações transborda para além da roupa, causando um impacto visual chocante, imprimindo a imagem desse Exú high-tech, moderno, cosmopolita e tão presente no nosso movimento contemporâneo. (CORREIO AFRO, 2021, não paginado).

3.1.2 Mile Lab

Abro meus braços pra voar, assim como a pipa que não se fecha nem pra subir. Olho pro céu que fica mais perto do que parece e dedico o meu sonho pra cada moleque que tentou sonhar, mas não tá aqui. (LUAN, 2021, não paginado).

Marca da periferia de São Paulo, desde 2017, Mile Lab moda marginal, como é chamada pela própria estilista Milena Nascimento, é um projeto afetivo e de herança familiar de sua mãe e avó costureiras, e que abriu a oportunidade de voz de muitos que já se calaram. Criada e

⁷ Conhecido como filme de moda, o fashion film é uma espécie de curta-metragem que possui uma produção maior, com a moda como foco, partindo de um apelo conceitual e artístico. São utilizados pelas marcas de moda para comunicar a estética, as ideias e os conceitos de uma coleção ou um produto ao público.

⁸ Exu do panteão nagô ou cada um dos entes espirituais que fazem de criados dos orixás e de intermediários entre estes e os homens, dados como de índole vaidosa e suscetível [desde a África, assimilado pelos missionários cristãos ao diabo cristão, Exu faz também de entidade protetora e ligada aos ritos de divinação nas religiões afro-brasileiras.

⁹ O orixá é uma força pura, axé material que só se torna perceptível aos seres humanos incorporando-se em um deles.

sustentada no Grajaú, a partir do projeto Sankofa puderam revolucionar a sala de desfile com as peças, atitude e com a existência ali proposta.

Imagem 17 - Bastidores da marca Mile Lab no SPFW



Fonte: Reprodução/Instagram @amandarodfoto/@periferiaemmovimento (2021)

Quando Worth (Charles Frederick Worth é geralmente considerado o pai da alta-costura e a figura fundadora da moda como indústria e arte), fez seu primeiro desfile em sua Maison¹⁰ para suas clientes mais especiais, somente mostrando visuais bonitos para mulheres ricas da época, 62 anos depois vemos um manifesto, uma movimentação contrária ao que se espera da moda, onde as pessoas estão lá para conferir o belo, perfeito e, normalmente, utopias criadas em cada geração:

No princípio do luxo, era a moda, está também aí uma das razões que explicam por que a Alta costura (que surgirá mais tarde, com a sociedade industrial e os grandes estilistas como veremos) é a ponta-de-lança e a melhor vitrine do luxo. Dele, a alta costura tem todas as características: A magia do criador. A beleza e a sedução. A função social. E tudo isso é em geral realçado pelo recheio feminino, que tantas fantasias desperta. (O LUXO DE JEAN CASTARÉDE, 2005, pág. 56).

Em seus 25 minutos de desfile, MILE LAB pôde expressar tudo que sentiu desde o primeiro trabalho com moda sendo camareira no próprio evento até a possibilidade de estar desfilando no SPFW. A principal foi conseguir falar o que ninguém teve coragem até agora: O

¹⁰ Loja em Francês.

desfile surge como um ato de manifesto para reafirmar nossa existência no agora e, consequentemente, no futuro, lutando contra um sistema de extermínio dentro das favelas, contra a precarização dos nossos trabalhos e a invisibilidade do que é ser um corpo preto e marginal no mundo, e principalmente, na moda. E o funk é a trilha sonora da favela do futuro, é o ritmo do nosso FLVXO (informação verbal) ¹¹.

Imagem 18 - Modelo vestido com referência de pipa



Fonte: Reprodução/Instagram @amandarodfoto/ @periferiaemmovimento (2021)

Com certeza o desfile permite-se colocar no lugar de afrofuturismo, a junção do negro como belo, negro como ser existente de algo maior, negro como resistência, e poder falar em um futuro melhor, de existência do povo negro, com oportunidades de estar em lugares que muitas vezes foi negado e proibido, e essa proibição também é financeira, o que foi uma grande dificuldade da marca para esse desfile acontecer, até mesmo para outros que já haviam ocorrido.

Em todos os momentos do desfile, símbolos que retratam o racismo e como a branquitude vê o povo negro foi posto à prova, camisetas nos rostos, palavras marginais pixadas

¹¹ Fala feita por Milena Nascimento em entrevista à revista Glamour, em São Paulo, 2021.

em pipas, funk como trilha sonora, fez com que todo o ambiente virasse uma grande festa da favela.

Imagem 19 – Foto do desfile, pipa como cartaz.



Fonte: Reprodução/Instagram @amandarodfoto/ @periferiaemmovimento (2021)

Imagem 20 – Foto de momentos do desfile



Fonte: Reprodução/Instagram @amandarodfoto/ @periferiaemmovimento (2021)

Imagem 21 – Backstage do desfile Mile Labs



Fonte: Reprodução/Instagram @amandarodfoto/ @periferiaemmovimento (2021)

Desfile com um release real, de falas reais e modelos reais, 90% dos modelos foram pessoas de periferia, que apoiam a causa e acreditam na necessidade de transmitir o que foi transmitido. Milena Nascimento encerra o desfile e diz:

“Fluxo Milenar” nos teletransporta para uma viagem no futuro e mostra como seria um baile funk daqui 20, 30 anos. Por isso, não podemos chamar “Fluxo Milenar” de desfile, mas sim de manifesto.”, (NASCIMENTO, 2021, não paginado)

E isso é afrofuturismo.

4 ENTRANDO NOS CÓDIGOS DO AFROFUTURISMO

[...] O signo é uma coisa que representa outra coisa: seu objeto. Ele só pode funcionar como signo se carregar este poder de representar, substituir outra coisa diferente dele. Ele apenas está no lugar do objeto. A palavra, a pintura, o desenho, a fotografia, um filme, a planta, uma maquete, ou mesmo o seu olhar para uma casa, são todos, signos de um objeto, como por exemplo, uma peça de roupa. Segundo Walter-Bense, “qualquer coisa que pertença à percepção, à ação ou ao pensamento, poderá sempre ser concebida e descrita semioticamente” (SANTAELLA 2003, p. 58).

Nos dois desfiles que foram citados no capítulo anterior, pode ser observado diversos códigos e signos representados por algumas vertentes necessárias para entender o desfile de uma forma muito mais abrangente do que só o belo. Com as percepções a partir do conhecimento do afrofuturismo e de onde ele tem origem podem ser feitas análises aprofundadas dos desfiles citados nos capítulos anteriores.

Imagem 22 – Foco na foto Go Back SPFW N52 Meninos Rei



Fonte: Franklin de Almeida (2021)

No mundo da moda, os adornos são necessários para compor um look¹² para transformar muitas vezes as vestimentas em um novo conceito. Nessa imagem, está um dos visuais com ornamentos do desfile **L’oju Esú** (tradução do iorubá para “Aos olhos de Exú”), da marca Meninos Rei, com referências fortes da religião de matriz africana, o que poderia ser somente um adorno para a cabeça, este que não está ligado ao gênero do modelo, esta joia que além de deixar a presença forte, foi criada por uma designer¹³ de joias baiana Kelba Varjão, trazendo a ancestralidade, e o afro como foco de sua marca

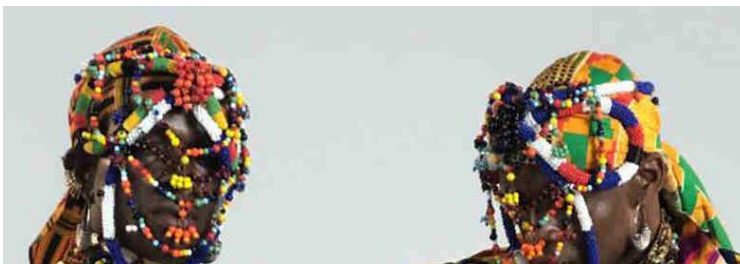
¹² Visual, conjunto, composição ou configuração em acessórios e roupas.

¹³ Profissional que trabalha na criação gráfica e esquemática de um produto, especialmente na construção de sua aparência física, considerando as tendências de mercado e da produção industrial; desenhista industrial.

Na religião de matriz africana a cabeça tem um grande significado e importância, nela estão os cuidados de seus deuses, e onde podem conseguir discernimento para seus caminhos.

A cabeça de uma pessoa faz dela um rei”, o provérbio é Yorubá. É um destino, uma conduta, um comportamento, uma função na comunidade, o elo com as pessoas e um elo com si próprio. Talvez esse provérbio também fale sobre o cuidado com o qual pisam na terra: “Está firme? Não está firme?”, o cuidado nas nossas tomadas de decisões. Pensar sobre Ori é pensar sobre como pensar melhor e sobre como sentir melhor. Quem instituiu a cisão entre pensar e sentir quis que as pessoas se separassem delas mesmo, ruiu o sentido de comunidade, de continuidade de uma pessoa na outra. Não há separação. Ori e Okan. Cabeça e coração são juntos. [O] talvez não adiante um bom destino se não soubermos lidar bem com as nossas emoções.” (SILVA, 2021, não paginado).

Imagem 23 – Foco na foto Go Back SPFW N52 Meninos Rei



Fonte: Franklin de Almeida (2021)

Além das coroas, um adorno de cabeça que cai em duas tiras sobre os ombros e tem a parte pendente sobre a nuca amarrada em trança, denominado nemes, também se tornou bastante conhecido, sobretudo porque é usado pela esfinge de Gizé e, ainda, porque aparece na famosa máscara de Tutankhamon. Tratava-se de um elemento fundamental da veste faraônica, tendo entrado em voga a partir da III dinastia (c. 2649 a 2575 a.C.). Sua representação mais antiga está na cabeça da estátua do faraó Djoser (c. 2630 a 2611 a.C.), encontrada no complexo da Pirâmide de Degraus.

Um dos acessórios mais importantes na identidade do povo negro desde os princípios é o turbante, um tecido enrolado na cabeça com amarrações onde pode se esconder todo cabelo ou algumas partes dele, onde o tecido se envolve com a nuca, fazendo com que esse tecido empodere e aumente a autoestima da mulher e do homem negro.

No desfile, os estilistas colocam um tecido de forma de turbante, mas, simultaneamente, usando como um tecido amarrado por toda cabeça, conhecido como durag¹⁴

¹⁴ A durag, do inglês ‘do-rag’ (que em tradução livre quer dizer “feita de trapos”), é um acessório que teve a origem e uso feito por homens e mulheres afro-americanos escravizados no século XIX para proteger suas cabeças do sol, insetos e outras coisas que pudessem atingi-los durante os trabalhos.

Imagem 24 – Foco na foto Go Back SPFW N52 Meninos Rei



Fonte: Franklin de Almeida (2021)

Da crinolina a mangas bufantes, na história da moda as mangas de vestidos sempre foram um detalhe importante, mostrando a riqueza das mulheres da época:

Após a moda grega dos períodos anteriores [...], surgiu a moda ampulheta, projetando uma certa fragilidade, meio artificial, das mulheres da época romântica. Em 1822, a cintura dos vestidos reencontrou seu lugar natural; paradoxalmente, porém em consequência de sua finura, teve que voltar o corpete laçado e munido de barbatanas: o corset! Para acentuar ainda mais a impressão de fragilidade da figura feminina, foram criadas imensas mangas bufantes – mangas-balão – e uma gola especial, que cobria os ombros como um telhado. (Nery, 2003, p.162).

Apesar de a composição ser carregada de histórias em roupas aristocratas e femininas, neste momento, a marca possibilita um conjunto sem gênero, fazendo com que a peça de roupa seja além de um tipo de modelagem feminina.

Imagem 25 – Foco na foto Go Back SPFW N52 Meninos Rei



Fonte: Franklin de Almeida (2021)

Na proposta da marca, ‘Meninos Rei’ a estampa é um dos pontos mais fortes do brand¹⁵ e posicionamento dela no mercado brasileiro, em seus desfiles além da estética, com cores vivas e estampas vibrantes os tecidos usados são garimpados em viagens internacionais e modificados em minucioso trabalho de patchwork¹⁶.

Imagem 26 - Foco da Foto do desfile, pipa como cartaz.



Fonte: Reprodução/Instagram @amandarodfoto/ @periferiaemmovimento (2021)

Na periferia da cidade de São Paulo, um tipo de divertimento muito comum e marginalizado é a pipa, feita com papel e varetas de madeira, com uma linha e o vento, pode chegar até o céu com infinitudes de possibilidades da saída da realidade.

No desfile a marca usou a esta pipa como uma forma de painel para que remetesse ao mesmo tempo que a pipa faz lembrar tudo de ruim, uma pessoa sem trabalho sem perspectiva de vida, mas ver esse apetrecho em um look na passarela, traz uma visão de liberdade, e se tornar acessível de chegar em lugares altos, e ambiguidade é a palavra marginal estar no local de ‘possibilidade’.

¹⁵ Branding ou Brand Management, é uma estratégia de gestão da marca que visa torná-la mais reconhecida pelo seu público e presente no mercado.

¹⁶ Patchwork é uma técnica de artesanato em retalhos, ou seja, usa-se tecidos de retalhos para criar uma peça exclusiva.

Imagem 27 – Foco da foto Backstage do desfile Mile Labs



Fonte: Reprodução/Instagram @amandarodfoto/ @periferiaemmovimento (2021)

O rosto coberto faz parte de uma construção de um ser marginalizado que estará propenso a fazer algum crime que necessite o disfarce de suas fisionomias reais, na história de faroestes os 'bandidos x mocinhos' usavam seus rostos cobertos para não serem perseguidos e por conta de toda área do deserto onde aconteciam seus desafios.

Os Black Panther (Partido Político Norte- Americano), usavam seus rostos cobertos em manifestos contra as repressões policiais contra os negros no país, palavras de ordem e punhos cerrados faziam com que o grupo fosse conhecido por todo mundo, sendo um grupo forte contra o racismo policial.

No desfile, Mile (marca desfilada e citada) conseguiu trazer esse aspecto carregado de preconceito e de criminalização bela e contundentemente de um grande manifesto contra o racismo diário pelo jovem negro da periferia de São Paulo, em um dos eventos de moda mais importantes do mundo, um desfile que possibilitou na fileira A com convidados pouco vistos neste local como protagonista.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Definir afrofuturismo, não é somente falar de peças de roupas fora do seu tempo, mesmo que em toda sua essência ficção científica e a propensão de se olhar para um futuro com o negro celebrando sua ancestralidade e identidade. É entender a necessidade de ver pessoas negras como protagonistas de suas narrativas e que seja um movimento constante de superação contra as opressões políticas, orquestradas para o apagamento dessas pessoas.

No mundo da moda, o afrofuturismo é o poder de se sentir pertencente de um movimento feito para e sobre negros, é olhar para trás e usar toda ancestralidade com base de seus próximos passos.

É estar em todas as áreas, música, arte, fotografia e moda com uma perspectiva e olhar que se utiliza de possibilidades e jornadas a partir de um olhar que contradiz o que é contado por pessoas brancas em toda história da humanidade.

Em todas as análises dos desfiles citados anteriormente, é possível observar como este movimento é usado como dispositivo de manobra diante do mundo racista.

Diante a tantas definições de tantos estudiosos, se posso colocar uma definição para sua importância na moda, seria “Africanfuturism and fashion as a predominant positive aspect in a racist society”.

BIBLIOGRAFIA

- ALVES, Alice; NURE, Vitória. Afrofuturismo nos Figurinos de Pantera Negra.** Novembro, 2018. Disponível em: <https://alicealves.com.br/blog/curiosidades/figurino-de-pantera-negra>. Acesso em: 11 nov. 2022.
- BERTH, Joice. **Empoderamento.** Feminismos Plurais São Paulo. Editora Pólen, 2019.
- BORGES, Paulo. **Podemos ter a nossa Chanel ou Dior.** Revista Época, edição nº 8386, 26 de maio, 2008.
- BORGES, Stephanie. **As visões do futuro por Janelle Monáe.** Medium. Maio, 2018. Disponível em: <https://stephieborges.medium.com/as-vis%C3%B5es-do-futuro-por-janelle-mon%C3%A1e-e0591f21c518> Acesso: 14 nov. 2022.
- BRAND, Silvério. **SPFW - PROJETO SANKOFA.** Hooks magazine. Novembro, 2021. Disponível em: <https://www.hooksmagazine.com/post/spfw-projeto-sankofa>. Acesso em: 16 nov. 2022.
- CALDEIRA, Letícia. **Moda Afrofuturista.** Shortland Social. 2015. Disponível em: <https://social.shorthand.com/mgramigna4L/jCUQCEekrf/moda-afrofuturista.html>. Acesso em: 11 nov. 2022.
- CALENTI, Carlos; BUTLER, Octavia. **Afrofuturismo e a necessidade de criar novos mundos.** Dossiê Mostra Afrofuturismo: cinema e música em uma diáspora ntergaláctica. Itau Cultural, São Paulo, 2015.
- CASTAREDE, Jean. **O Luxo: Os Segredos dos Produtos Mais Desejados do Mundo.** 2005.
- CASTRO, Eduardo. **Traduzindo Ficção Científica: Samuel Delany.** Anais do IX Sappil – Estudos de Literatura, UFF, nº 1, 201 Anais do IX Sappil – Estudos de Literatura, UFF, nº 1, [201-].
- COELHO, Maria José de Souza. **Moda e sexualidade feminina.** Rio de Janeiro: UAPÊ, 2003.
- COOK, Cameron. **Missy Elliot Changed the future on ‘Sup Dupa Fly’.** Vice. Janeiro, 2019. Disponível em: <https://www.vice.com/en/article/43dpnj/missy-elliott-changed-the-future-on-sup-dupa-fly>. Acesso em: 19 out. 2022.
- CORREIO24HORAS. **Marca baiana Meninos Rei estreia na São Paulo Fashion Week.** Junho, 2021. Disponível em: <https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/marca-baiana-meninos-rei-estrela-na-sao-paulo-fashion-week/> . Acesso em: 16 nov. 2022.
- DELANY, Samuel. **A necessidade de amanhã.** Trad.Stella Parteniani. In: *Afrofuturismo.* Revista Ponto Virgúla, Edição Temática #1, 2020
- DOS SANTOS, A. P. M. T.; DOS SANTOS, M. R. **Geração Tombamento e Afrofuturismo: a moda como estratégia de resistência às violências de gênero e de raça no Brasil.** dObra[s] – revista da Associação Brasileira de Estudos de Pesquisas em Moda, [S. l.], v. 11, n. 23, p. 157–181, 2018. DOI: 10.26563/dobras.v11i23.716. Disponível em: <https://dobras.emnuvens.com.br/dobras/article/view/716>. Acesso em: 30 maio 2022.

ELEBOGI, Otun. **Demotape Afrofuturismo**. Revista Sísifo. Nº 11, Janeiro/Junho, 2020. ISSN 2359-3121. Disponível em: www.revistasisifo.com. Acesso em: 20 dez. 2022.

ESHUN, Kodwo. Captura de movimento. Trad. Stella Parteniani. In: Afrofuturismo. Revista Ponto Virgulina, Edição Temática #1, 2020.

EZABELLA, Fernanda. **Figurino de 'Pantera Negra' foi inspirado em diferentes comunidades africanas**. Folha de São Paulo. São Paulo, Fevereiro, 2019. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2019/02/figurino-de-pantera-negra-fo-i-inspirado-em-diferentes-comunidades-africanas.shtml>. Acesso em: 11 nov. 2022

FLEUR, Rafaela. **Mile Lab**: entenda por que essa marca periférica está revolucionando a moda nacional. Glamour. Dezembro, 2021. Disponível em: <https://glamour.globo.com/moda/noticia/2021/12/mile-lab-entenda-porque-essa-marca-periferica-esta-revolucionando-moda-nacional.ghtml> . Acesso em: 14 dez. 2022.

FRANK, Priscilla. **Realismo mágico, história da África e ficção científica**: conheça o Afrofuturismo. Geledés, 2016. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/realismo-magico-historia-da-africa-e-ficcao-cientifica-conheca-o-afrofuturismo/> Acesso em: 11 Dez. 2022.

FREITAS Kenia. **Afrofuturismo Camera Musica em uma Diáspora Intergaláctica**. São Paulo, 2015. Disponível em: https://issuu.com/tj70/docs/afrofuturismo_catalogo. Acesso em: 11 nov. 2022.

GERDES, Cluaida. **Visuelle Power aus Afrika**. Page, 2018. Disponível em: <https://page-online.de/bild/visuelle-power-aus-afrika/>. Acesso em: 19 out. 2022.

Gilroy, Paul. **O Atlântico Negro**: Modernidade e dupla consciência, São Paulo, Rio de Janeiro, 34/Universidade Cândido Mendes Centro de Estudos Afro-Asiáticos, 2001.

GOMES, Nilma Lino. **Movimento Negro, saberes e a tensão regulação-emancipação do corpo e da corporeidade negra**. Contemporânea: Revista de Sociologia da UFSCar, n. 2, p. 37-60, 2011.

HINDS, Carolyn. **BGN Interview: Ruth E. Carter, Costume Designer For 'Black Panther'**. Black Girl Nerds. Fevereiro, 2018. Disponível em: <https://blackgirlnerds.com/bgn-interview-ruth-e-carter-black-panther/>. Acesso em: 20 dez. 2022.

HYPENESS. **'Projeto Sankofa'**: conheça as marcas de estilistas negros que desfilaram na SPFW. Julho, 2021. Disponível em: <https://www.hypeness.com.br/2021/07/projeto-sankofa-conheca-as-marcas-de-estilistas-negros-que-desfilaram-na-spfw/>. Acesso em: 14 nov. 2022.

ISSU. **Nataal Maganize issue 1**. Julho, 2021. Disponível em: https://issuu.com/nataalmedia/docs/nataal_issue_1_issu_flipbook. Acesso em: 20 dez. 2022.

ITAÚ Cultural. Ocupação Abdias Nascimento - Sankofa. Agosto, 2020.

JORNAL da USP. **Dados do IBGE mostram que 54% da população brasileira é negra**. São Paulo, Julho, 2020. Disponível em: <https://jornal.usp.br/radio-usp/dados-do-ibge-mostram-que-54-da-populacao-brasileira-e-negra/>. Acesso em: 20 dez. 2022.

KABRAL, Fábio. **Artigo e atividades bem didáticos sobre AFROFUTURISMO**. 2019. Disponível em: <https://fabiokabral.wordpress.com/2020/06/29/artigo-e-atividades-bem-didaticossobre-afrofuturismo/>. Acesso em: 25 maio 2022

LA PRAIRE. **A Maison Worth e a origem da alta-costura**. 2022. Disponível em: https://www.laprairie.com/pt-latam/editorials-article?cid=haute-couture#:~:text=Charles%20Frederick%20Worth%20%C3%A9%20geralmente,moda%20co mo%20ind%C3%BAstria%20e%20arte_ Acesso em: 20 dez. de 2022

LAHIRI, Victor; CRUZ, Gabriela. **Kelba Varjão traz acessórios de luxo para o AFD 2020**. Correio24horas. Disponível em: <https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/kelba-varjao-traz-acessorios-de-luxo-para-o-afd-2020/>. Acesso em: 12 dez. 2022.

LEIAMAISBA. **Marca baiana faz uma ode a Exú na SPFW**. Junho, 2021. Disponível em: <https://leiamaisba.com.br/2021/06/22/marca-baiana-faz-uma-ode-exu-na-spfw>. Acesso em: 16 nov. 2022.

MAZAMA, Ama. A Afrocentricidade como um novo paradigma. In: NASCIMENTO, Elisa Larkin (org). **Sankofa 4 Afrocentricidade: uma abordagem epistemológica inovadora**. São Paulo: Selo Negro, 2009

MUNANGA, Kabengele. **Negritude Afro-Brasileira: Perspectivas e Dificuldades**. Revista de Antropologia, n.33, p. 109-117, 1990.

MUNANGA, Kabengele. **Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: Identidade nacional versus identidade negra**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

NERY, Marie Louise. **A evolução da indumentária: subsídios para criação de figurino**. Rio de Janeiro: Senac Nacional, 2003.

O PERIGO da história única. Vídeo por TEDGlobal. 2009. 1 vídeo (19 min). Disponível em: https://www.ted.com/talks/chimamanda_ngozi_adichie_the_danger_of_a_single_story?language=pt. Acesso em: 11 dez. 22.

O QUE é Afrofuturismo Pensando em Afroturismo 01. Vídeo por Aza Njeri. 2022. 1 vídeo (3 min). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=q-1zcotK7sE&list=PL1GWsw8_CTvQbgmazleRp_qd3Udl9jC2pN. Acesso em: 12 nov. 2022.

OLIVEIRA, Virgínia; NUNES, Larissa. **“Eu sou o grito do oprimido que ecoa no seu ouvido enquanto você está dormindo”**. Dicas Jornalismo LAB. Dezembro, 2021. Disponível em: <https://labdicasjornalismo.com/noticia/9788/-eu-sou-o-grito-do-oprimido-que-ecoa-no-seu-ouvido-enquanto-voce-esta-dormindo->. Acesso em: 11 dez. 2022.

PRADO, Thais. **MILE LAB faz revolução periférica na passarela do SPFW**. Novembro, 2021. Disponível em: <https://kondzilla.com/mile-lab-faz-revolucao-periferica-na-passarela-do-spfw/>. Acesso: 11 dez. 2022.

ROCHA, Junior; ROCHA, Céu. **QUEM SOMOS**. Meninos Rei. Bahia, 2022. Disponível em: <https://meninosrei.com.br/quem-somos/>. Acesso em: 11 dez. 2022.

SANTAELLA, L. **O que é semiótica**. 19ª. reimpressão da 1. ed. de 1983. Coleção Primeiros Passos. São Paulo: Brasiliense, 2003.

SANTIAGO, Ana Carvalho. et al. **Descolonização do conhecimento no contexto afro-brasileiro**. 2ª edição. Cruz das Almas: Bahia, 2019.

SANTOS, Ana Paula Medeiros Teixeira dos; MATTOS, Ivanilde Guedes. Empoderamento feminino e revolução. Roteiros temáticos da Diáspora: caminhos para o enfrentamento ao racismo no Brasil. Porto Alegre, RS. Editora Fi, 2018.

SILVA, Dayane. **Ori e Okan: cabeça e coração juntos**. Candomblé o Mundo dos Orixás. Maio, 2021. Disponível em: <https://ocandomble.com/2021/05/03/ori-e-okan-cabeça-e-coracao-juntos/>. Acesso em: 19 dez. 2022.

SILVA, K. C. V.; QUADRADO, Jaqueline C. **O afrofuturismo como forma de representação cultural**. EmiCult. 2016.

SILVA, Roger. **Quando o negro se movimenta, toda a possibilidade de futuro com ele se move**: Afrofuturismo e práticas estética de resistência. Revista Albuquerque, vol. 11, n.21, jan-jun de 2019.

SILVA. Kallen. **O Afrofuturismo como forma de representação cultural**. 2016. Quem tem direito a Cultura?. EMIcult 2º Encontro Missionário de Estudos Interdisciplinares em Cultura, 2016

SOTOCÓRNO, Vivian. **Sankofa: Meninos Rei | São Paulo | N52**. Vogue-Globo. Novembro, 2021. Disponível em: <https://vogue.globo.com/desfiles-moda/noticia/2021/11/sankofa-meninos-rei-sao-paulo-n52.html>. Acesso em: 16 nov. 2022.

SOTOCÓRNO, Vivian. **SPFW: Silvério é uma das marcas estreadas por meio do projeto Sankofa**. Vogue-Globo. Junho, 2021. Disponível em: <https://vogue.globo.com/moda/noticia/2021/06/spfw-silverio-e-uma-das-marcas-estreadas-por-meio-do-projeto-sankofa.html>. Acesso em: 16 nov. 2022.

SOUSA, Neusa. **“O perigo de uma história única”**: a construção da identidade africana negra no romance Americanah, de Chimamanda Ngozi Adichie. BUALA. Maio, 2021. Disponível em: <https://www.buala.org/pt/mukanda/o-perigo-de-uma-historia-unica-a-construcao-da-identidade-africana-negra-no-romance-americanah>. Acesso em: 17 nov. 2022.

THE Gumbo. **On Missy Elliot e the future: why black girl need afrofuturism**. Janeiro, 2019. Disponível em: <https://thegumbo.net/blog/2019/1/1/on-missy-elliott-amp-the-future-why-black-girls-need-afrofuturism>. Acesso em: 19 out. 2022.

THOMPSON. Eliza C. **Janelle Monáe, Before "Dirty Computer"**: From The BUST Archives. BUST, 2013. Disponível em: <https://bust.com/music/18987-janelle-monae.html>. Acesso em: 11 dez. 2022

VAL, Andre do. Meninos Rei highlights 2022.– SPFW+ In.pactos. Disponível em: <https://spfw.com.br/desfile/meninos-rei/>. Acesso em: 16 nov. 2022.

WANAK, LaShawn M. **Metropolis Meets Afrofuturism: The Genius of Janelle Monáe**. Tor.com. Outubro, 2018. <https://www.tor.com/2019/10/18/metropolis-meets-afrofuturism-the-genius-of-janelle-monae/>. Acesso 11 nov. 2022

WOMACK, Ytasha. **Afrofuturism: The World of Black Sci-Fi and Fantasy Culture.** Chicago: Lawrence Hill Books, 2013.